

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

COM-SORTE

O SENHOR D. FERNANDO

Quando elle chegou a Portugal vigorava a tradição dos nossos antigos senhores reis, que muita gente n'esse tempo escrevia ainda *reys*.

O i grego manteve-se tenazmente na ortographia do titulo soberano em quanto das cabelleiras da nação não desappareceu o ultimo rabicho. Em 1836 essa interessante vogal, pela qual começou a desfazer-se o archaismo monarchico, persistia ainda, atravessada na garganta de varios cortesãos como vestigio do ultimo resto da solidariedade que nos prendera ao antigo regimen.

Fallava-se com genuflexão dos ultimos monarchas, — o Senhor D. João VI e os seus dois filhos D. Miguel e D. Pedro de Bragança.

D. Pedro fôra um bravo militar, que — como elle proprio escrevia ao marquez de Rezende — nos constitucionalisou á força: *Sois mon frère ou je te tue.*

D. Miguel foi um rei-esbirro, assim como o irmão foi um rei-soldado; acamaradado a dois caceteiros, o José da Policia e o João Sedvem, elle tinha este ideal fixo: organisar uma boa sociedade exclusivamente composta de frades e de toureiros, e rachar o resto á bordoada.

D. João VI era um principe feito de lombo de porco e de marmelada, — um ventre sempre cheio, quasi sempre constipado, constantemente polvilhado de rapé, e enformado n'uns calções sujos.

Emfim Malherbe veio. Chegou o Senhor D. Fernando (Augusto Francisco Antonio).

Um pouco menos rei que os seus predecessores, rei apenas por affinidade, esta circumstancia tornava-o sympathico.

A sua individualidade fez impressão. Alto, magro, louro, quasi imberbe, educado como um bom alumno da universidade de Heidelberg pelo seu perceptor o conselheiro Dietz, o novo principe fallava correctamente as linguas, cultivava com talento a musica, desenhava, pintava, gravava a agua forte e fazia do sabão e da roupa branca um consumo quotidiano, — dissipação heliogabalica sem precedentes na corte, onde D. Carlota Joaquina, d'accordo com seu augusto esposo, tinha estabelecido como regra inviolavel a incompatibilidade do banho com a gravidade regia.

Além d'isso, elle não toureava, não rebentava cavallos, não espancava burguezes, e passava por Mafra e por Odivellas, sem que nas cabeças de porco e nas compotas de marmelo d'aquellas localidades se experimentasse uma diminuição sensivel.

Como general a sua inhabilidade, absolutamente gloriosa, bastaria para lhe merecer o titulo de *Cesar Pacifico* dado com menos razão pela mãe de Francisco I ao prisioneiro de Pavia.

O povo, considerando como defeitos comicos as qualidades pessoaes e politicas do marido da Senhora D. Maria II, comparou-o pelo seu caracter inoffensivo e pela sua physionomia imberbe a alguns legumes caseiros, e pôl-o em cantigas, que o heroe era dos primeiros a repetir ao piano com a sua voz lenta e nazal de bom baritono saxonio.

O sol portuguez aqueceu-lhe o sangue, infiltrou-lhe a pouco e pouco a tempera peninsular; e dentro d'alguns annos um bigode arqueado em grandes guias e uma expressão maliciosa no olhar dava-lhe um aspecto caracteristico, de *mosqueteiro no convento.* — É o melhor caso que conhecemos da perfeita adaptação de um organismo germanico ao meio meridional.

Essa facilidade de assimilação, a sua inhabilidade manifesta para fazer manobrar tanto um exercito como uma intriga, a sua predilecção pelos litteratos, pelos artistas, por todos aquelles que cultivam com talento as chamadas artes da paz, o seu bom senso critico e o seu bom gosto artistico fizeram d'elle n'este paiz o modelo inicial do bom rei moderno, do rei socegado, do rei burguez.

Quando em 1868 lhe foi offerecido o throno de Hespanha, elle recusou-o, preferindo ficar em Portugal a cultivar o seu jardim e a colligir as suas majolicas.

Assim como os emissarios gregos ao penetrarem na tenda d'Achiles o surprehenderam a dedilhar uma lyra, como conta Homero, assim os emissarios da futura Revolução ao penetrarem no Palacio das Necessidades encontrarão o habitante d'aquelle velho convento a pintar um prato.

Se a Revolução o encarcerar, elle pendurará á janela a sua paleta, como Ricardo Coração-de-Lião pendurou a sua harpa de trovador. E a democracia irá soltal-o, porque, se por um lado elle pertence á realeza por ter um sceptro, por outro lado elle pertence ao povo por ter um officio.

Ser carpinteiro bastou para dar a popularidade immortal a Pedro da Russia, sujeito mais cabeçudo do que é permittido mesmo a uma cabeça coroada. D'elle conta o seu medico, n'um livro posthumo recentemente publicado, que para comprehender a theoria da circulação do sangue foi preciso a esse autocrata mandar abrir vivo um dos seus subditos para ver.

Ora o Senhor D. Fernando nunca escalou os cidadãos para perceber como elles trabalham por dentro, e é o primeiro dos operarios da fabrica de Sacavem.

Rei pintando louça, elle poderá dizer, sem magoar ninguem, perante a Carta e perante a posteridade, como nas *Georgicas* dizia Virgilio tratando modestamente das abelhas:

In tenui labor; at tenuis non gloria.

João Ribaixo.

TYP. 21, RUA AUGUSTA, 25